

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA
BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

NOVA SÉRIE



ANTROPOLOGIA n.º 1 - 20

1957 - 1964

Doenças: Dr. Simões

*MG
570.5
B2
Q2.3*

BELÉM — PARÁ — BRASIL

1964

- 1 — HILBERT, Peter Paul — Contribuição à Arqueologia do Amapá — Fase Aristé — 37 p., est., ilustr., mapa. Setembro, 1957.
- 2 — CROCKER, William — Os Índios Canelas de Hoje — Nota Prévia — 9 p. Julho, 1958.
- 3 — OLIVEIRA, Roberto Cardoso de — A Situação Atual dos Tapirapé — 11 p. Julho, 1959.
- 4 — FRIKEL, Protásio — Agricultura dos Índios Mundurukú — 36 p., ilustr. Julho, 1959.
- 5 — BORDALO DA SILVA, Armando — Contribuição ao Estudo do Folclore Amazônico na Zona Bragantina — 76 p., est. Julho, 1959.
- 6 — HILBERT, Peter Paul — Urnas Funerárias do Rio Cururu, Alto Tapajós — 13 p., ilustr. Agosto, 1958.
- 7 — GALVÃO, Eduardo — Aculturação Indígena no Rio Negro — 60 p., est., Setembro, 1959.
- 8 — GALVÃO, Eduardo — Áreas Culturais Indígenas do Brasil; 1900-1959 — 41 p., mapas. Janeiro, 1960.
- 9 — FRIKEL, Protásio — Os Tiriyó — Notas Preliminares — 19 p., est. Fevereiro, 1960.
- 10 — MOREIRA NETO, C. A. — A Cultura Pastoril do Páu D'Arco — 112 p., ilustr., est. Março, 1960.
- 11 — ARNAUD, Expedito — Breve informação sobre os índios Asuriní e Parakanan; Rio Tocantins, Pará — 22 p. Julho, 1961.
- 12 — FRIKEL, Protásio — Mori — A festa do rapé. Índios Kachúyana: Rio Trombetas — 34 p., ilustr., est. Julho, 1961.
- 13 — BANNER, Horace — O índio Kayapó em seu acampamento — 51 p. Setembro, 1961.
- 14 — DERBYSHIRE, Desmond — Notas comparativas sobre três dialetos Karibe — 10 p. Outubro, 1961.
- 15 — FIGUEIREDO, Napoleão — A festa dos "Coletores" entre os Arama-góto — 19 p., est., mapa. Novembro, 1961.
- 16 — FRIKEL, Protásio — Fases culturais na área do Tumucumaque — 16 p., mapa, tabela. Novembro, 1961.
- 17 — FRIKEL, Protásio — Onematuipe — Os Transformados. 15 p., 2 est. Dezembro, 1961.

- 18 — DINIZ, Edson Soares — Os Kayapó-Gorotíre. Aspectos sócio-culturais do momento atual. 40 p., 2 tab., 2 mapas, 10 est. Dezembro, 1962.
- 19 — LEACOCK, Seth — Economic life of the Maué Indians, 30 p., mapa, ilustr. Abril, 1964.
- 20 — ARNAUD, Expedito — Notícias sobre os índios Gaviões de Oeste — Rio Tocantins, Pará — 35 p., mapa, ilustr. Maio, 1964.

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI

NOVA SÉRIE

BELÉM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA

N.º 1

Setembro de 1957

CONTRIBUIÇÃO A ARQUEOLOGIA DO AMAPÁ

Fase Aristé

PETER PAUL HILBERT

Museu Goeldi

Os sítios arqueológicos estudados no presente trabalho estão localizados no baixo curso do rio Cassiporé, na parte setentrional do Território Federal do Amapá. Trata-se de sítios-cemitérios da Fase Aristé, segundo denominação e classificação de Evans e Meggers (1), um complexo cultural arqueológico de distribuição geográfica e duração determinadas.

São aqui apresentados e analisados novos elementos que contribuem para uma melhor determinação e caracterização dessa fase arqueológica.

RESUMO GEOGRÁFICO

O Território do Amapá (2) está situado na parte norte do Brasil, geralmente chamada Guiana Brasileira. Tem aproximadamente a forma de um losango orientado com o eixo maior na direção norte-sul, tendo a parte inferior cortada pelo Equador. Limita-se a nordeste pelo Atlântico, a sudeste pela mar-

1 — Evans, 1950; Meggers e Evans, 1957.

2 — O autor agradece ao então Governador do Território Federal do Amapá, Cel. Janary Gentil Nunes, as facilidades e o financiamento dessa pesquisa realizada sob os auspícios do Museu Territorial.

gem esquerda do Amazonas, a sudoeste pelo rio Jarí, a noroeste pelo Oiapoque, limite com a Guiana Francêsa.

Costuma-se dividir o Território do Amapá em duas regiões: a Hileiana e a Costeira (3). A primeira abrange mais ou menos 80% da área total e pertence à formação arqueana do maciço das Guianas, peneplano acidentado, que na Serra de Tumuc-Humac alcança aproximadamente mil metros de altura. Essa região é quase totalmente coberta pela mata virgem da Terra Firme e cortada por vários rios encachoeirados, que lançam suas águas no Amazonas ou no Atlântico.

Enquanto a região Hileiana mostra um aspecto bastante uniforme, a Costeira apresenta natureza heterogênea. Acompanha toda a parte oriental do losango, em largura variável, alcançando na altura do cabo Norte, ponto mais avançado do Território em direção ao Atlântico, uma extensão de 100 km. Essa faixa de origem essencialmente quaternária é constituída por aluviões fluviais recentes. É uma região em plena formação, sob a influência das marés e da sedimentação permanente das grandes massas d'água do Amazonas, ocasionada pela corrente equatorial do sul que conduz as águas fluviais carregadas de material em suspensão, em direção ao norte.

Entensos siriubais, com suas corôas ralas, dão à costa uma feição desoladora. Um mundo de canais, furos, lagos e campos alagadiços estende-se atrás dessa costa rasa e pouco recortada. Peixes e aves aquáticas existem em abundância.

Mais terra a dentro, após uma área de floresta da várzea, cortada pelos rios que aí formam meandros e um ou outro campo de várzea, estendem-se pequenos platôs ravinados, recobertos por savanas e campinas.

Os sítios arqueológicos são encontrados com maior frequência na zona intermediária, entre o litoral aluviônico e o da antiga costa arqueana. Especialmente nos primeiros afloramentos de embasamento cristalino, nas "ilhas" cobertas de mato, dentro dos campos inundáveis e nas "pontas" da Terra Firme. A razão da preferência para fixação nesses lugares, explica-se pelo fato de serem favorecidos pela solidez do ter-

3 — Magnanini, 1950.

reno, além de possibilitar aos seus habitantes servirem-se da flora e da fauna, tanto da Várzea quanto da Terra Firme, ambas igualmente necessárias para a subsistência das tribos na floresta tropical. Pelo mesmo motivo, os referidos sítios arqueológicos coincidem, frequentemente, com os de modernas moradias rurais.

Apesar de sua posição equatorial, o clima (4) do Território Federal do Amapá é relativamente agradável. Um vento do nordeste sopra durante quase todo o ano, tornando os dias quentes do verão mais amenos e as noites geralmente frias. Aí a diferença das duas estações é mais acentuada do que no estuário. O tempo das chuvas, o inverno, se estende durante oito meses; enquanto o tempo da seca, o verão, dura apenas de agosto até novembro, sendo este último isento de qualquer chuva. A temperatura (cidade do Amapá, 1952) mostra uma média das máximas de 28,6 em Março. A pluviosidade mensal oscila entre 687,5 mm em Março e 06,1 mm em Setembro, tendo aquêlé mês 24 dias chuvosos e este um somente.

HISTÓRICO (5)

Apesar de cedo ter sido descoberta a parte nordeste da costa da América do Sul, conhecida por Guiana Brasileira, não se conhece nenhuma informação sobre a região e sua gente durante mais de um século. Enquanto a Espanha estava preocupada com a parte ocidental da América que lhe oferecia lucros favoráveis, Portugal cuidava exclusivamente do sul do Brasil e só entrou em contacto com o resto de sua imensa possessão, no começo do século 17.

A primeira fase da ocupação da costa da Guiana Brasileira, é caracterizada pela atividade dos comerciantes ingleses, franceses e holandeses. Em 1596 o inglês Lawrence Keymis, companheiro da primeira viagem de Sir Walter Raleigh, per-

4 — Motta, 1952.

5 — A maioria dos dados são baseados em Evans, 1950 pp. 111 — 120 e Gillin, 1949 pp. 817 — 8; ver, também, Meggers e Evans, 1957, para maiores detalhes.

correndo tôda a costa ao norte do delta do Amazonas até à embocadura do Orenoco, dá o primeiro relatório sistemático sôbre os rios, os produtos naturais e as tribos que aí encontrou. Percorreu o rio Oiapoque até a primeira cachoeira e relata a região como habitada por Aruãs. Em 1604, Charles Leigh fundou no mesmo rio a primeira feitoria, que deu início a um período de exploração holandês-ingles. Robert Harcourt, o sucessor de Leigh, no ano de 1609, escreveu a primeira notícia sôbre os usos e costumes dos índios da costa da Guiana.

Depois de um desentendimento inicial com os Karíb, os franceses conseguiram se fixar no rio Caiena em 1625 e estenderam suas relações comerciais por tôda a costa da Guiana Brasileira. Ao mesmo tempo os holandeses andaram por essa região, estabelecendo pontos comerciais, até ao longo da foz do Amazonas. Durante êsse período, as relações entre brancos e índios eram satisfatórias. As feitorias dos ingleses, franceses e holandeses, eram sociedades comerciais particulares e seu único objetivo era estar em boa amizade com os silvícolas, para assegurar um comércio lucrativo.

A crescente atividade mercantil dessa região, fez com que, finalmente, os portugueses reclamassem seus direitos. Como reação, foi fundada Belém do Pará (1616), assim como diversos pontos estratégicos e estações missionárias. Dessa maneira se iniciaram conflitos de natureza belicosa e política, muitos dos quais se estenderam até ao século 19, e ambos os partidos utilizaram os aborígenes em defesa de seus interesses. Por circunstâncias favoráveis, os nativos se aliaram com maior frequência aos europeus interessados em relações pacíficas, em favor do florescimento de suas feitorias. Os portugueses, com alvo mais de natureza político-religiosa, agiram severamente, subjugando aldeias e, muitas vezes, dizimando-as. Além disso, grupos inteiros foram deslocados e submetidos a trabalhos forçados, sendo dêsse modo destruída, em parte, sua primitiva vida tribal.

Sôbre a antiga distribuição dos índios na parte norte de Território, assim como o seu destino post-Cabralino, somos in-

formados por Curt Nimuendajú (6). Do material coligido por este etnólogo, nos servimos, especialmente, do que se refere às tribos habitantes dos sítios aqui tratados. Em primeiro plano aparecem os Palikúr, que são mencionados por Pinzon, em 1511, no seu relatório de viagem, apresentando a "Provincia Palicura" como denominação da região ao norte da boca do Amazonas, e a "Costa de Palicura" continua aparecendo nos mapas até ao fim do século 16. Mais tarde, porém, esse nome desapareceu como designação territorial da costa do Norte. Quando os franceses se fixaram na ilha Caiena, em 1652, os Palikúr são mencionados novamente pelo padre Antoine Biet, que os localiza no rio Amapá e também entre os rios Uaçá e Cassiporé. Em 1664, Levèbre de la Barre situa-os na região Costeira, entre os cabos Norte e Orange. No mapa D'Anville, "Carte de la Guiane Françoise", no ano de 1729, o nome Palikúr se estende com o qualificativo "Amis des François" em direção ao sul, desde a margem direita do rio Oiapoque através do rio Caripí até além do Calçoene.

Um outro grupo de igual importância na região são os Maravan, que habitavam a extensa área que vai de Soure, costa oriental do Marajó, até o rio Maroní, na Guiana Francesa. Lawrence Keymis menciona-os e situa-os, em 1596, no rio Uaçá, enquanto Harcourt localiza a "Provincia Morownia", à margem direita do rio Oiapoque. Julgando pelas fontes históricas, os Maravan são mais antigos na região do que os Palikúr e não como estes, imigrados nessa área. Uma outra fonte de importância encontramos em J. de Laet, que menciona a "Provincia Maraviana" entre a região ao Norte do Rio Cassiporé e do Rio Uaçá-Urucaúá.

Tôdas as informações que se seguem, realçam claramente a ação belicosa dos portugueses, que despovoaram, desde 1794, tôda a costa do Amazonas até ao Oiapoque, para evitar que os aborígenes e escravos fugitivos fossem acolhidos e favorecidos pelos franceses. Um exemplo, entre outros, dessa época movimentada, nos é oferecido pelos Aruã, grupo Aruak, que

6 — Nimuendajú, 1926, pp. 7 — 17.

nesse tempo ocupavam a margem setentrional do Amazonas e as grandes ilhas Caviana, Mexiana e Marajó. Nem os esforços dos missionários portugueses, nem a perseguição e punição pelo governo puderam evitar que boa parte dessa tribo fugisse pelo norte para o alto Uaçá. Os Aruã viviam em franca hostilidade com os colonos luzitanos e até chegaram a atacá-los. Esses ataques foram a causa de troca de notas entre os governadores de Caiena e do Pará, sendo que o último acusa os franceses de terem fornecido munição e dar asilo aos Aruã. Como resposta, o governador de Caiena exigiu que os brasileiros deixassem de perseguir os Palikúr (7).

Cêrca de 1737, os Emerillon e os Oiampí (8) emigraram do sul para essa região, por medo dos portugueses; no entanto, participaram mais tarde com êstes das caçadas de escravos, nas quais as principais vítimas foram os Karíb.

Evans (9) opina, que muitos dêsses grupos indígenas não deixaram restos arqueológicos devido à curta fixação nos lugares onde moravam; além disso, sabe-se que os índios em campos de trabalhos forçados, perderam os seus traços culturais primitivos. "Por causa disso — diz Evans — parece que as evidências arqueológicas representam no essencial, as tribos indígenas do período pré-colombiano e sòmente os primeiros tempos de contacto com os europeus, tão tipicamente caracterizados pelas relações pacíficas dos comerciantes, explorações esporádicas e de um número limitado de feitorias européias. Estes primeiros contactos se manifestaram arqueologicamente, pelos achados ocasionais de contas de vidro de proveniência européia".

No século XVIII, a população indígena já era bastante reduzida. Em 1831, Leprieur (10) encontrou os Palikúr no rio Caripí, no Uaçá e no Urucauí; menciona também os Maravan, em número superior a cem pessoas, como também os Karipuna no baixo Oiapoque; os remanescentes dêstes ainda hoje

7 — Nimuendajú, 1926, p. 12.

8 — Gillin, 1948, p. 818.

9 — Evans, 1950, p. 116.

10 — Nimuendajú, 1928, p. 15.

vivem no Caripí e Uaçá. Segundo Curt Nimuendajú, não representam uma tribo, pois com o nome Karipuna foram denominados, na Guiana, os índios que falavam a língua geral. Esse autor afirma que entre os fugitivos Aruã, acima mencionados, achava-se também um número que falava a língua geral, daí receberem o nome de Karipuna.

A influência dos franceses na região continuou tanto quanto antes. Um câmbio comercial animado se desenvolveu; comerciantes da Guiana Francesa, entre estes também chineses se fixaram, especialmente, no rio Uaçá, navegando pelos rios para trocar mercadorias europeias por farinha de mandioca e madeiras. Em 1891, Henri Coudreau (11) contou, no baixo Oiapoque, 200 a 300 Palikúr, 100 índios do Uaçá e 20 Karipunas.

Após o Édito de Bern, em 1900, a Guiana foi definitivamente incorporada ao Brasil, terminando dessa maneira o secular litígio entre brasileiros e franceses. Nessa época os Maravan haviam desaparecido e quando Nimuendajú visitou a região (1925), ainda viu mestiços dessa tribo, que no entanto, tinham adaptado o "patois" regional. Somente um velho índio do Uaçá, ainda se lembrava de duas palavras que havia aprendido, há muito tempo, com os últimos Maravan. Os Palikúr a esse tempo, contavam 189 indivíduos e os índios do Uaçá, Aruã e Galibí, um total de 160 pessoas.

Baseado no relatório de Nimuendajú, o Dr. Dionísio Bentes, então governador do Pará, garantiu aos Palikúr uma área de 25 mil hectares, situada ao longo do médio e alto rio Urucauá, incluindo tôdas as suas moradias e roçados.

Atualmente, sob a influência benfeitora do Serviço de Proteção aos Índios, a população indígena se recuperou bastante. Os Palikúr do Urucauá são hoje estimados em 450 almas e os do Uaçá em número idêntico. Os Karipuna do rio Caripí são calculados em 400 pessoas, os Emerillon e Oiampí, em número desconhecido, habitam ambos as margens do médio e alto rio Oiapoque.

11 — Coudreau, 1893.

RESUMO DE PESQUISAS REALIZADAS

As primeiras referências arqueológicas da área entre o rio Oiapoque e o Araguari, limitam-se a notícias casuais e superficiais. Sòmente com a descrição da cerâmica funerária de Cunaní, por Goeldi (12), e com as investigações de Nimuendajú (13) em tôda região norte do Território, o conhecimento arqueológico da região se tornou mais objetivo.

Nimuendajú constata que a cerâmica tipo Cunaní não é exclusiva dessa região, mas ocorre também em outros sítios da Guiana Brasileira. Êle identifica a cerâmica funerária do monte Ucupí, à margem esquerda do rio Urucauá, na região dos Palikúr atuais, com aquela descrita por Goeldi. Nesse local encontrou os mesmos vasos característicos, com rostos humanos estilizados, e uma decoração idêntica. Achou também vasilhas com fundo perfurado, alguidares com bases retangulares e decorados com adornos zoomorfos voltados para dentro. As mesmas evidências tipológicas ocorrem na cerâmica do monte Mayé, perto da costa, ao sul do rio Cunaní. Uma diferença, no entanto, pode se observar no método do enterramento; enquanto as urnas de Cunaní eram colocadas em poços artificiais, fechados por um disco de granito, as urnas do Ucupí foram achadas em grutas naturais. Êste fato parece confirmar a hipótese de Goeldi, segundo a qual os antepassados dos índios do Cunaní teriam usado para depositar os restos dos mortos, grutas naturais e, só na falta destas, aberto poços artificiais; hábito que não seria devido à influência cultural estranha, dependendo unicamente da falta de grutas naturais. Nimuendajú, em vista disso, aventou a provável ligação dessa cerâmica arqueológica com a dos antepassados dos Palikúr.

Em 1935, Eurico Fernandes (14), então Inspetor do S. P. I. com séde em Belém, fez uma rápida investigação do sítio-

12 — Goeldi, 1900.

13 — Segundo Linné, 1928.

14 — Fernandes, por informação pessoal.

cemitério de Vila Velha. Aí desenterrou uma urna, cuja abertura estava fechada por um alguidar sem ornamentação e virado de boca para baixo; dentro dessa urna encontravam-se restos de ossos queimados, mais de trezentas contas de vidro de variedades diversas, um pequeno machado de pedra, sete muiiraquitãs e pendentes de jadeíte. A urna mostra o mesmo perfil de curvas duplas e o mesmo estilo de decoração como as demais referidas a seguir, sob a denominação de "Vila Velha II". É pintada em vermelho e preto sôbre fundo branco, em zonas horizontais, como na cerâmica de Cunaní.

— O primeiro trabalho que, arqueolôgicamente, abrange todo o Território do Amapá, devemos a Clifford Evans e a Betty Meggers, nos anos 1948-1949 (15). Eles distinguiram três fases culturais, das quais a mais antiga é a Fase Aruã. Sendo esta a mais recente nas grandes ilhas da boca do Amazonas, isso nos mostra a relativa pouca idade da cerâmica arqueológica do Território do Amapá.

A Fase Aruã, é representada no Território do Amapá por três sítios arqueológicos, estando dois na parte setentrional e um na parte meridional. As outras duas fases, "Mazagão" — limitada à região sul dos rios Araguari-Amaparí — e "Aristé" na região ao norte dos rios Araguari-Amaparí até ao rio Oiapoque, são contemporâneas. Uma seriação dos sítios, bastante rasos, da Fase Aristé, mostra a mudança de um estilo de decoração em *incisões* (Uaçá incised) e *raspado* (Flechal scraped), para a pintura em faixas e secções grandes (Aristé painted), sôbre uma cerâmica temperada com areia; depois para desenhos curvilíneos de motivos complexos, sôbre uma cerâmica lisa e temperada com cacos moídos (Serra painted).

Os sítios de habitação, de cêrca de 100 metros de diâmetro, sempre afastados dos sítios-cemitérios, estão situados em Terra Firme perto de um lago ou de um igarapé. A relativa densidade dos depósitos misturados com pouca terra, sugere o uso de casas palafíticas, iguais às habitações caboclas de hoje. A cerâmica dos sítios cemitérios mostra uma maior frequência de decoração do que a dos sítios de habitação.

15 — Evans, 1955.

As urnas funerárias são geralmente depositadas em grutas. Onde êsses abrigos naturais faltam, são colocadas diretamente na terra ou em poços artificiais. As urnas, geralmente sem tampas, contém ossos de enterramento secundário ou restos de cremação, sendo êste último o método mais recente e mais usado. Ocasionalmente, acham-se pequenos machados de pedra, contas e pendentos de jadeíte e contas de vidro. Jarros e alguidares não faziam parte das ofertas funerárias.

Não é possível dar informações específicas sôbre o tempo da ocupação. As jazidas rasas podem provar, tanto uma pequena população durante um longo período, quanto uma grande população em curto tempo. Parece, no entanto, mais provável uma duração relativamente curta da Fase Aristé, antes da chegada dos europeus.

VILA VELHA

Vila Velha é uma pequena localidade à margem esquerda do rio Cassiporé, cêrca de 80 quilômetros acima da embocadura no Atlântico (Fig. 21). Está localizada em Terra Firme a quatro metros acima do nível do rio, na zona intermediária entre o litoral aluviônico e o do complexo fundamental. Seus habitantes vivem da lavoura, da garimpagem do ouro e da ca-notagem.

O sítio-cemitério de mais ou menos um hectare, encontra-se afastado 100 metros da margem do rio e se estende, na maior parte, atrás da última rua de casas. Corresponde com a parte mais elevada da Vila. Mais além, na proximidade imediata, acha-se o atual cemitério. Algumas urnas encontram-se dentro da área das casas palafíticas, onde nos rêgos causados pela chuva, nas valas e caminhos, aparecem fragmentos de louça antiga. É evidente pois, que uma parte do sítio foi destruída em consequência dos movimentos de terra, durante as construções das moradias.

Foram feitas excavações em dois pontos diferentes. Na parte mais afastada e ainda não habitada e entre as casas

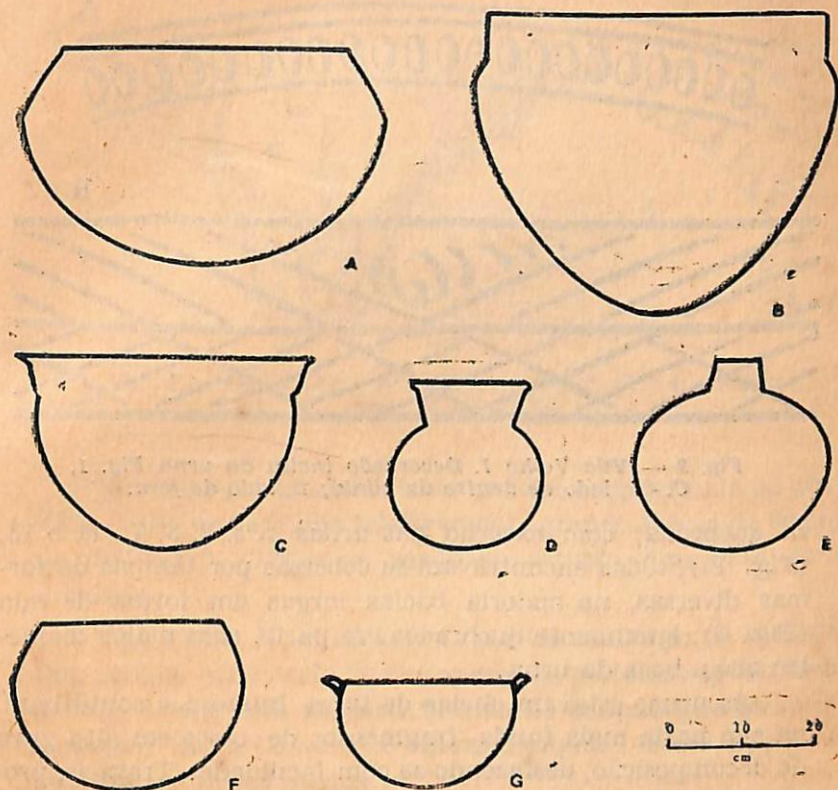


Fig. 1 — Vila Velha I. Tipos de urna. A, B, E, F, "Serra Pintada"; D, "Serra Comum"; C, G, "Uaçã Incisa".

mais próximas do rio. Em ambas, as urnas aparecem de dez até vinte centímetros abaixo da superfície de uma camada de terra humosa, coberta de capim. As urnas são enterradas em um barro mesclado e arenoso. Um padrão ou sistema de colocação das içaçabas não é visível. Sua disposição é de uma só camada.

VILA VELHA I: A parte mais interior do sítio, que chamaremos de Vila Velha I, se faz notar por grande número de urnas que são colocadas umas perto das outras, as vezes tão próximas que se tocam (Fig. 22). A maioria das urnas esta-

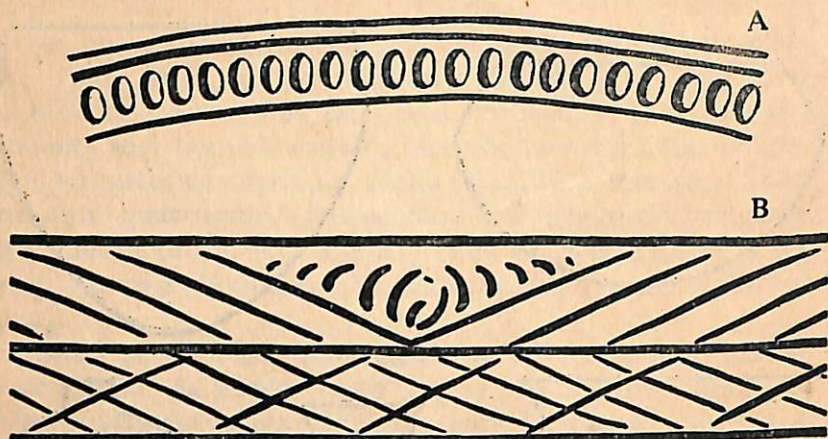


Fig. 2 — Vila Velha I. Decoração incisa da urna Fig. 1, C. - A, lado de dentro da borda; B, lado de fora.

va quebrada; com exceção das urnas n.ºs. 2, 3, 7, 11 e 13, (Fig. 19), tôdas encontravam-se cobertas por tampas de formas diversas, na maioria bacias largas em forma de ralo (Fig. 5), igualmente quebradas em parte, com maior diâmetro que a boca da urna.

As urnas estavam cheias de terra humosa e continham, na sua parte mais funda, fragmentos de ossos em alto grau de decomposição, desfazendo-se com facilidade. Trata-se, provavelmente, de restos de ossos de enterramento secundário e não de ossos queimados, mais resistentes devido à carbonização. Uma exceção constitue a urna n.º 8, com restos de ossos queimados sem mistura de terra. A urna n.º 13 teve a parte basal quebrada e o gargalo virado para baixo, continha somente terra.

A decoração se restringe às urnas. A maioria está pintada em prêto sôbre fundo branco, em linhas horizontais, paralelas ou cruzadas e gregas, limitando-se a pintura aos ombros e gargalos. Algumas urnas mostram incisões em linha retas, cruzadas ou paralelas, restringidas ao gargalo.

Não foram achados objetos líticos nem contas de vidro em associação com as urnas, assim como não havia oferendas em forma de pequenos vasos.

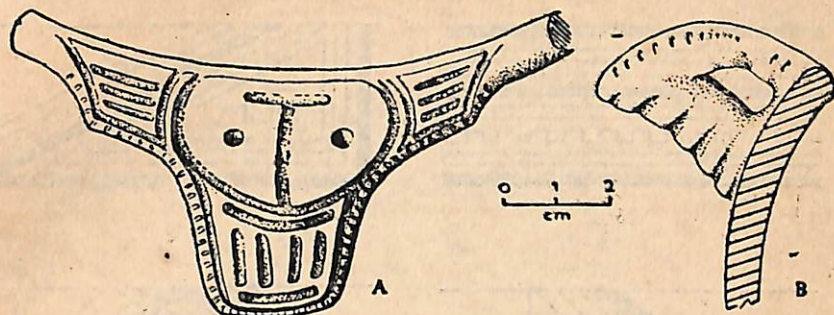


Fig. 3 — Vila Velha I. Alça da urna Fig. 1, G. - A, vista de cima; B, de perfil.

Nota-se a predominância de um tipo bem definido de urna (Fig. 1, B) de tamanho relativamente grande (cêrca de 60 cm. de diâmetro). Tôdas as vasilhas possuem uma base arredondada.

VILA VELHA II: A cerâmica do sítio cemitério de Vila Velha, achada mais perto do rio, apesar de pertencer igualmente à Fase Aristé, com as particularidades ceramotipológicas da variação “Serra Comum” e “Serra Pintada”, difere da acima descrita em vários pontos.

As urnas aparecem raramente e são afastadas umas das outras por metros de distância. Tem cêrca de 30 cm. de diâmetro e as formas são as mais variadas e complexas, (Fig. 7). Os perfis de bordas são mais elaborados, as bases são, com uma exceção, achatadas. A decoração pintada, prêto sôbre branco nas urnas de Vila Velha I, e aí limitada aos ombros e gargalo, adiciona o vermelho, cobrindo em zonas horizontais de elementos curvos ou retilíneos, todo o corpo do vaso com exceção da parte basal. Os padrões são mais complexos, os elementos decorativos em linhas retas e curvas, apresentam-se mais ricos e intrincados, executados tanto em traços finos como largos. As bacias largas em forma de ralo, que serviam como tampa, são substituídas por bacias pequenas de base

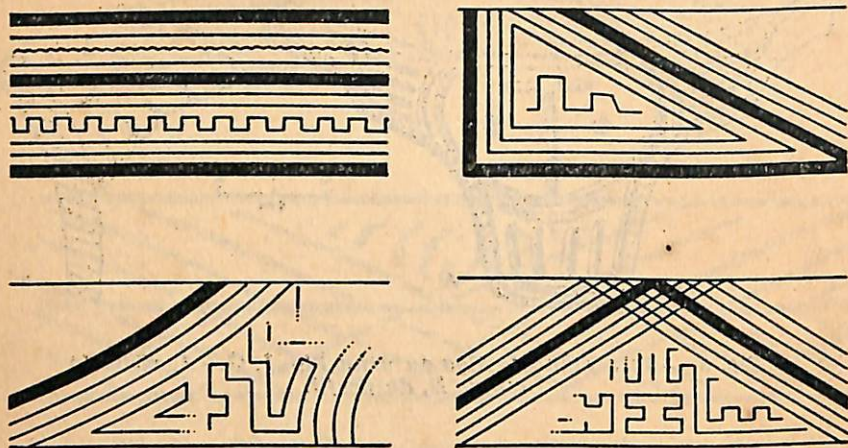
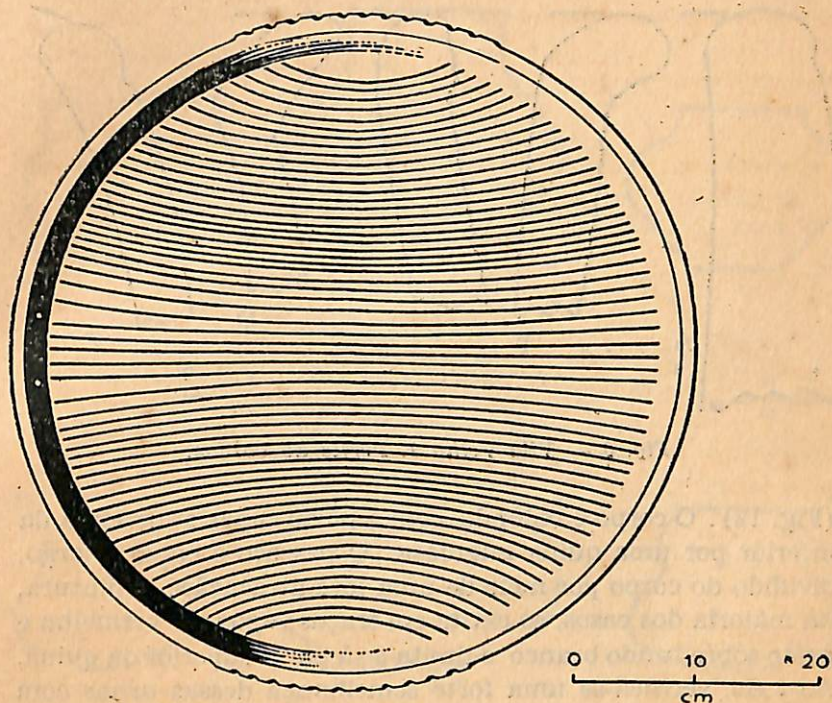


Fig. 4 — Vila Velha I. Decoração pintada em preto das urnas Fig. 1, A, B, F.

arredondada, lisas ou pintadas, sem sulcos no lado de dentro, (Fig. 8 B). As urnas excavadas continham uma mistura de terra humosa com restos de cremação, exceto a urna Fig. 7, C, que guardava restos de ossos de inumação secundária. Em tôdas as urnas foram achadas contas de vidro de tipos variados. A urna Fig. 7, B, continha dois guizos de cobre, um deles fragmentado e o outro inteiro, com exceção da alça em parte corroída. Os guizos são compostos de duas esferas ligeiramente achatadas. O diâmetro mede 1,9 cm., a altura sem alça 1,2 cm. A fenda acústica ao lado oposto da alça é limitada por dois buracos e mede 1,2 cm..

ILHA DAS IGAÇABAS

Um sítio cemitério, igualmente da Fase Aristé, se acha no Igarapé Grande, um curso d'água de cêrca de 30 quilômetros de comprimento e sem saída para o mar, situado entre o Rio Cassiporé e a costa, ao sueste de Vila Velha. É uma região de difícil acesso e pouco frequentada pelos moradores, devido a



*Fig. 5 — Vila Velha I. Tampa de urna em forma de ralo.
Para corte de perfil ver Fig. 8, A.*

falta de ligação aquática, mas com fartura de caça e pesca. A Ilha das Igaçabas forma uma elevação de cêrca de 5 metros de altura dentro de um igapó, que marca o ponto mais oriental do Igarapé Grande.

As urnas funerárias são depositadas em cima do chão, ao ar livre e ocupam uma área de cêrca de 30 x 30 m. Foram achadas 11 urnas, tôdas quebradas, com os fragmentos dispersados ao redor do local. Uma grande parte dos fragmentos já foi coberta por uma camada densa de raizes e humus de cêrca de 10-20 cm. de espessura, fato que prova a destruição das urnas há tempos. Tôdas as urnas mostravam básicamente a mesma forma, variando só em comprimento e largura

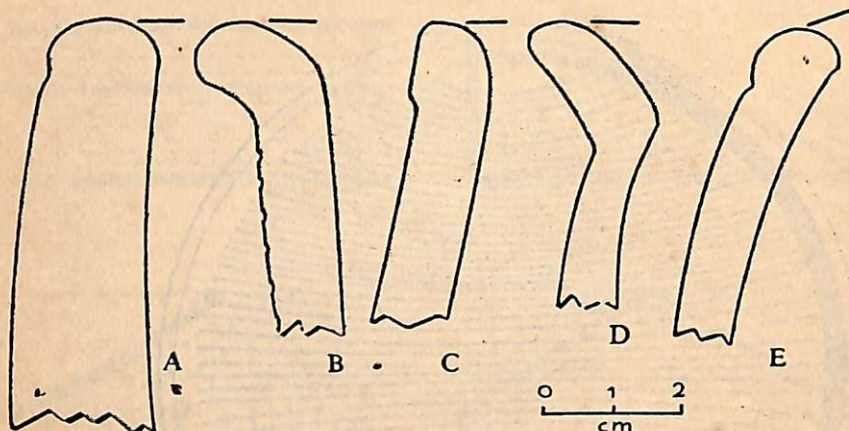


Fig. 6 — Vila Velha I. Perfis de bordas.

(Fig. 12) . O corpo é redondo, com a parte superior dividida da inferior por uma quina angulosa. O pescoço é baixo e largo, dividido do corpo por meio de uma leve atracação. A pintura, na maioria dos casos, só existe em traços vagos em vermelho e preto sôbre fundo branco e limita-se à parte superior da quina. Ao todo, verifica-se uma forte semelhança dessas urnas com as do tipo mais frequente de Vila Velha I. A forma, no essencial, é a mesma e a diferença se manifesta só no aspecto mais leve da igaçaba e na linha mais recurvada e arqueada.

Não foram encontrados ossos dentro das urnas.

Fragmentos de bacias largas em forma de ralo, espalhados no chão ou caídos dentro das urnas, indicam o uso dessas vasilhas como tampa à maneira de Vila Velha I. A forma geral e o perfil da borda são idênticos aos desse tipo.

Dentro da camada humosa, enredada por raízes de diversos tamanhos, que cobre o solo amarelo de barro arenoso, acham-se vasos pequenos em grande número (Fig. 14). Se as urnas representam um só feitio, estas vasilhas revelam surpreendente variação de formas como alguidares de modêlos diversos, panelas com ou sem gargalo, de base globular, achatada ou em forma de anel. Especial atenção merece um tipo de vaso

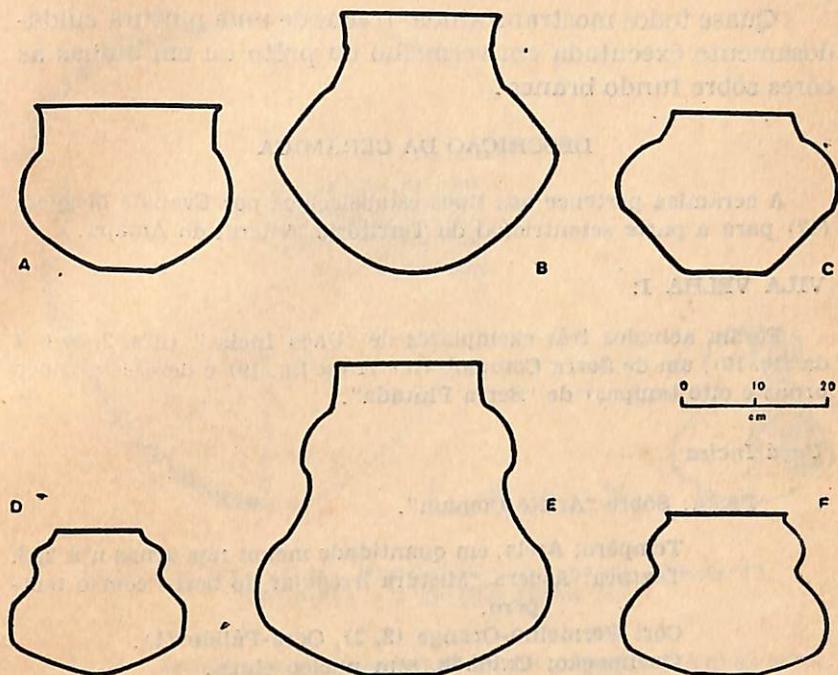


Fig. 7 — Vila Velha II. Tipos de urna. A, C-F, "Serra Pintada"; B, "Serra Comum".

com base retangular mais ou menos pronunciada, (Fig. 16) vaso quase idêntico, porém simplificado e diminuído, a uma bandeja igualmente retangular do Rio Cunaní, descrita por Goeldi (16).

Um certo número desses vasos se destaca por seu tamanho reduzido de 4-8 cm. de maior diâmetro. São miniaturas delicadas, de feição original e fina, semelhante a certas vasilhas pequenas que acompanham, as vezes, as urnas funerárias da fase Marajoara. Dois desses vasos continham contas europeias (Fig. 17, C, D). O da fig. 17, C, estava fechado por meio de uma tampa em forma de disco, aparentemente feita para esse fim e que sentava firme na abertura.

16 — Goeldi, 1900, p. 9.

Quase todos mostram, ainda, traços de uma pintura cuidadosamente executada em vermelho ou preto ou em ambas as cores sobre fundo branco.

DESCRIÇÃO DA CERÂMICA

A cerâmica pertence aos tipos estabelecidos por Evans e Meggers (17) para a parte setentrional do Território Federal do Amapá.

VILA VELHA I:

Foram achados três exemplares de "Uaçá Incisa" (n.ºs. 2, 3, e 7 da fig. 19), um de Serra Comum" (n.º 11 da fig. 19) e dezessete (nove urnas e oito tampas) de "Serra Pintada".

Uaçá Incisa

Pasta: Sobre "Aristé Comum".

Tempêro: Areia, em quantidade menor nas urnas n.ºs. 2, 3.
Textura: Áspera. Mistura irregular do barro com o tempêro.

Côr: Vermelho-Orange (2, 3), Ocre-Pálido (1).

Queimação: Oxidada, sem núcleo cinza.

Superfície:

Tratamento: Igualmente bem alisada por dentro e por fora.

Forma:

Borda: Arredondada, direita de grossura igual; virada angularmente para fora, levemente mais espessa na parte exterior.

Diâmetro: 25 — 70 cm.

Base: Redonda, espessando no fundo.

Forma Geral:

Urnas: Globular, com boca menos larga que o corpo, sem gargalo; com boca mais larga do que o corpo, gargalo largo e baixo, nitidamente separado do corpo, (Fig. 1, C, G).

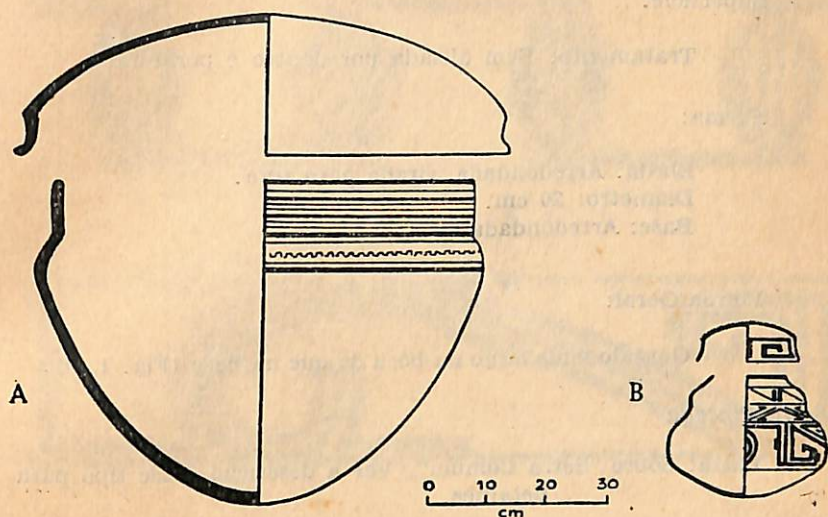


Fig. 8 — Vila Velha. Comparação das urnas típicas de Vila Velha I e de Vila Velha II.

Decoração: Incisões em redor do gargalo em linhas retas, cruzadas ou paralelas, raramente curvas, executadas com instrumentos de ponta arredondada. Pequenas incisões ovais regulares, no lado de dentro da borda (Figura 2, A e B). Uma linha incisa acompanhando o lado externo da borda.

Dois alças justapostas com rostos antropomorfos estilizados, olhando para fora do vaso. Executados em incisões regulares e cuidadosas (Figura 3). Uma faixa esguia de entalhes ovais circunda a alça.

Serra Comum

Pasta:

Tempêro: Cacos moídos, mais grossos do que na cerâmica "Serra" de Vila Velha II, com grânulos, as vezes, maiores do que 4 mm.

Textura: Granulada, mas não áspera.

Côr: Marrom escuro até ocre pálido, núcleo cinzento até cinzento escuro, largo nas peças maiores.

Cozimento: Oxidado incompleto.

Superfície:

Tratamento: Bem alisada por dentro e por fora.

Forma:

Borda: Arredondada, virada para fora.

Diâmetro: 20 cm.

Base: Arredondada.

Forma Geral:

Gargalo mais largo na boca do que na base (Fig. 1, D).

Serra Pintada

Pasta: Sôbre "Serra Comum". Ver a descrição dêsse tipo para detalhes.

Forma:

Borda: Arredondada, direita, levemente afinada; de grossura igual; engrossando ao fim e virada para fora; arredondada com quina no lado externo.

Diâmetro: 20 cm. — 80 cm..

Base: Arredondada, mais ou menos acentuada, espessando no fundo.

Forma Geral:

Urnas: Corpo arredondado, boca mais estreita que o corpo. A junção entre êste e os ombros é marcada por um ângulo mais ou menos pronunciado. Diâmetro maior entre 25 — 40 cm.; arredondado, estreitando-se para a base, ombros pouco salientes, gargalo baixo e largo, diâmetro maior entre 50 e 80 cm.; globular, com gargalo mais largo na boca do que na base; com gargalo estreitando na boca, maior diâmetro entre 20 e 28 cm.

Tampas: Painéis de corpo arredondado e boca larga, com borda virada para fora, de 20 — 50 cm. de

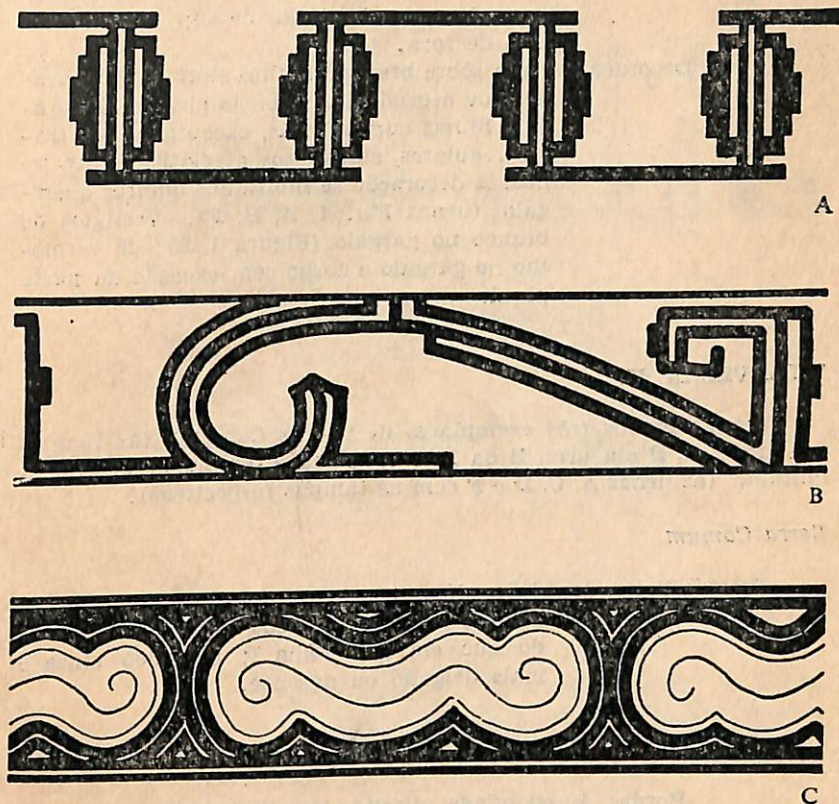


Fig. 9 — Vila Velha II. Decoração pintada de urnas. A, em vermelho no corpo, em preto e vermelho no gargalo; B, em preto no corpo; C, em vermelho, linhas finas em preto, no corpo. Urnas F, D, A, Fig. 7.

diâmetro. Bacias largas de base arredondada e rasa, de 40-60 cm. de diâmetro, com sulcos paralelos no lado de dentro, de cerca de 2-3 mm. de profundidade e largura, distando um do outro 6 mm. até 2 cm. Bordas redondas viradas para fora, às vezes decoradas com uma série de pequenos entalhes. As partes laterais, na altura dos sulcos mais compridos, são perfuradas por dois buracos diametralmente opostos, de cerca de 4 cm. de

circunferência. Vestígios de slip vermelho no lado de fora.

Decoração: Prêto sôbre branco. Linhas horizontais paralelas ou cruzadas; gregas simples ou elaboradas; linhas curvas raras, executadas em traços regulares, cuidadosos e relativamente finos. A decoração se limita aos ombros e gargalo (urnas Fig. 1 A, B, F). Vestígios de branco no gargalo (Figura 1, E); de vermelho no gargalo e corpo com exceção da parte basal.

VILA VELHA II:

Foram achados três exemplares de "Serra Comum" (as tampas das urnas A, B e a urna B da Fig. 7) e sete exemplares de "Serra Pintada" (as urnas A, C, D e F com as tampas respectivas).

Serra Comum

Pasta: Ver a descrição desse tipo para detalhes. Nessa cerâmica, o tempêro de cacos moídos é mais fino do que em Vila Velha I; o núcleo cinza é mais delgado ou ausente.

Forma:

Borda: Arredondada, direita, levemente afinada; virada para fora.

Diâmetro: 28-38 cm..

Base: Arredondada; achatada.

Forma Geral:

Urna: Base arredondada, junção angular entre a parte inferior e superior do corpo, gargalo baixo.

Tampas: Simples bacias abertas de base achatada.

Serra Pintada

Pasta: Sôbre "Serra Comum". Ver a descrição desse tipo para detalhes.

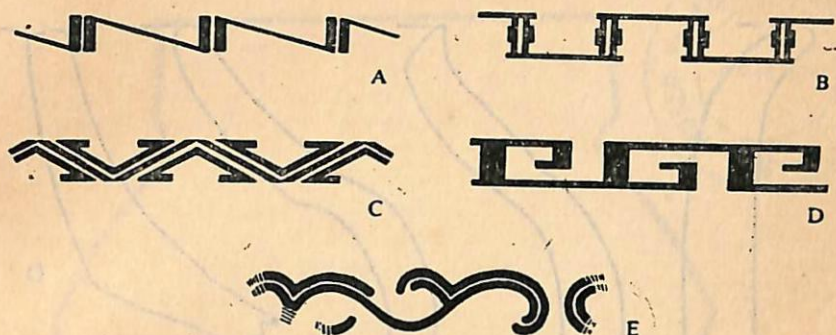


Fig. 10 — Vila Velha II. Decoração pintada de urnas. A, em vermelho e preto no gargalo; B, em vermelho no ombro; C, em vermelho e preto no ombro; D, em vermelho no gargalo; E, idem. Urnas D, F, F, tampa de urna D, urna A, Fig. 7.

Forma:

Borda: Arredondada ou levemente achatada, afinando, com um canto leve ao lado exterior ou com canto nitidamente acentuado. Um perfil recurvado exteriormente e típico.

Diâmetro: 17 — 42 cm.

Base: Achatada, a maioria levemente côncava, junção angular com o corpo oval ou arredondado.

Forma Geral:

Urnas: Base achatada e corpo arredondado, de gargalo baixo e largo, afinando para cima; com borda virada para fora; com gargalo recurvado para fora, dando junto com o corpo um perfil de curva dupla.

Tampas: Bacias pequenas de base arredondada de cerca de 20 cm. de diâmetro, sem sulcos paralelos no lado de dentro, bordas diminuídas na beira, viradas para fora.

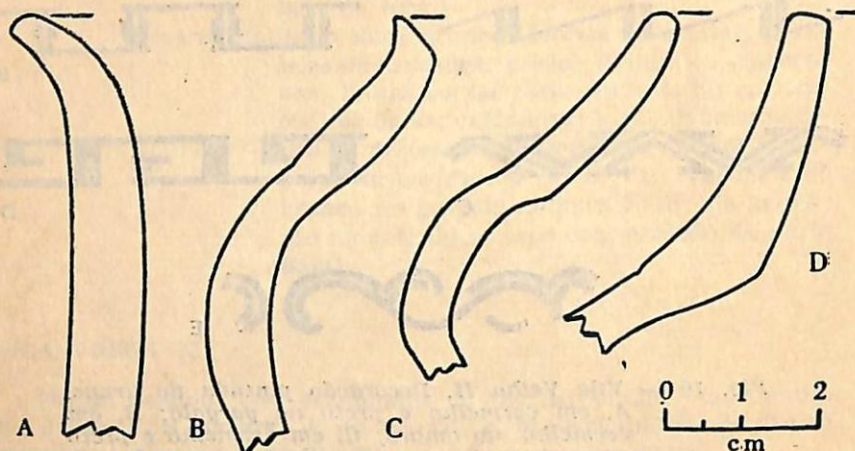


Fig. 11 — Vila Velha II. Perfis de bordas.

Decoração: Os desenhos em vermelho ou preto ou ambas as côres são executados sôbre um fundo branco ou sôbre fundo natural alisado, sendo o primeiro método o mais frequente; urnas sem decoração levam um banho vermelho. O fundo branco ou vermelho cobre a peça no lado de fora com exceção na parte basal. A decoração é executada em frisos horizontais de elementos curvos ou retilíneos, pintados tanto em linhas finas como em largas. Dois círculos concêntricos na parte do gargalo sôbre botões meio proeminentes (urna (Fig. 7, F), sugerem olhos estilizados iguais às urnas antropomorfas de Cunani. Porém falta uma indicação de nariz ou boca. Os padrões, na maioria retilíneos, gregas ou triangulos abertos, são bastante complexos e intrincados; mostram um refinamento hábil e engenhoso dos elementos pictóricos. Padrões de linhas curvas, geralmente desenhadas na parte abaulada das urnas, podem tomar um carácter quase de "negativo". As vezes, duas côres determinam um só elemento.

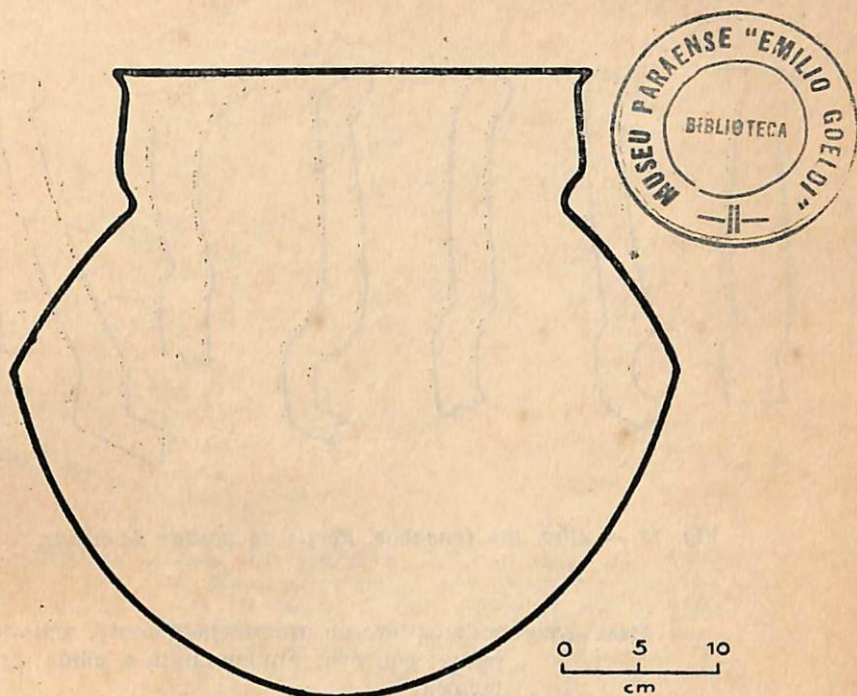


Fig. 12 — Ilha das Igaçabas. Tipo básico das urnas.

ILHA DAS IGAÇABAS:

Tôda cerâmica achada neste local pertence ao tipo *Serra Pintada*.

Pasta: Sôbre "Serra Comum". Ver a descrição dêsse tipo para detalhes.

Forma:

Borda: Arredondada, levemente afinada, ora direita, ora virada para fora; de grossura igual; com beira bem marcada e virada para fora, arredondada, apontada ou chata.

Diâmetro: 40-50 cm.

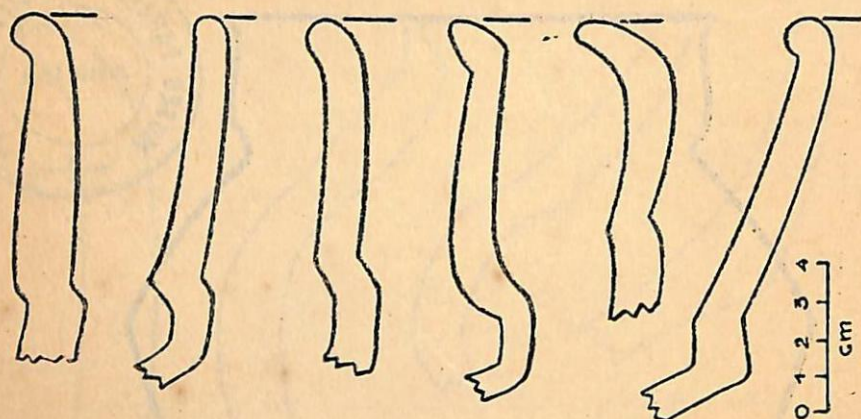


Fig. 13 — Ilha das Igaçabas. Perfis de bordas de urnas.

Base: Arredondada, leve ou pronunciadamente; achatada plana; côncava; anular chata e sólida; anular ôca.

Forma Geral:

Urnas: Corpo arredondado, a junção entre o corpo e os ombros é marcada por um ângulo pronunciado, gargalo baixo e largo, as vezes levemente recurvado para fora, com atracação na base do gargalo. Maior diâmetro entre 40-50 cm. (Fig. 12).

Tampas: Alguidares em forma de ralo; idênticas às de Vila Velha I, porém menores, de diâmetro entre 30-40 cm..

Alguidares: O maior diâmetro varia entre 15-45 cm. De base arredondada, borda direita; de borda virada para fora; de borda virada para dentro, formando um ângulo na região do maior diâmetro; de base achatada plana; de base anular ôca.

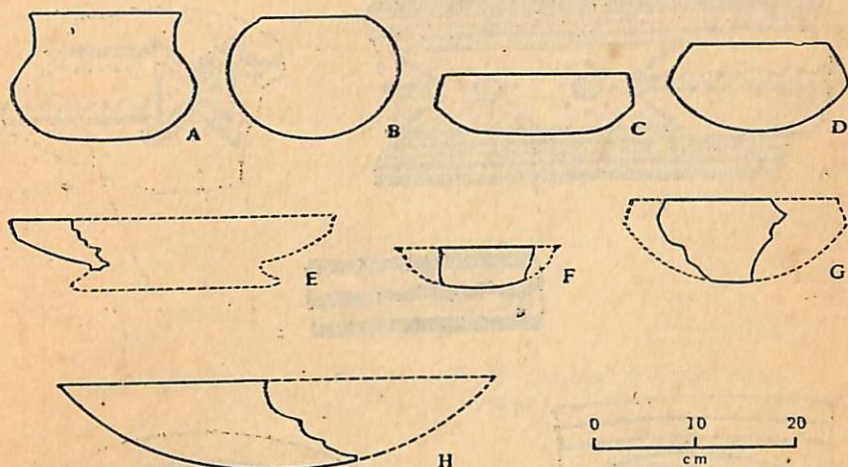


Fig. 14 — Ilha das Igaçabas. Diversos tipos de vasos. A, decoração pintada com vermelho, lado de fora; B, idem; C, com restos de slip branco, lado de fora; D, idem; E, com desenhos pretos, lado de dentro; F, idem, vermelhos; G, com desenhos pretos, lado de fora; H, com desenhos pretos e vermelhos, lado de dentro.

Oferendas: Provavelmente os alguidares e potes descritos acima, serviam de oferendas. Por causa do tamanho e forma singular, os referidos vasos são descritos à parte.

Vasos em forma de copo, de corpo levemente curvado para dentro, de borda redonda e pronunciada, e base anular chata e sólida; de gargalo e corpo curvado para fora, de borda arredondada e virada para fora, de base alargada e chata; de corpo recurvado para fora diminuindo na parte do gargalo e da base achatada; de base anular e sólida. Maior diâmetro entre 4,5-8 cm.

Decoração: A aplicação do banho (slip) branco é a mesma descrita em Vila Velha II. Traços de um banho vermelho foram notados somente nas tampas em forma de ralo.

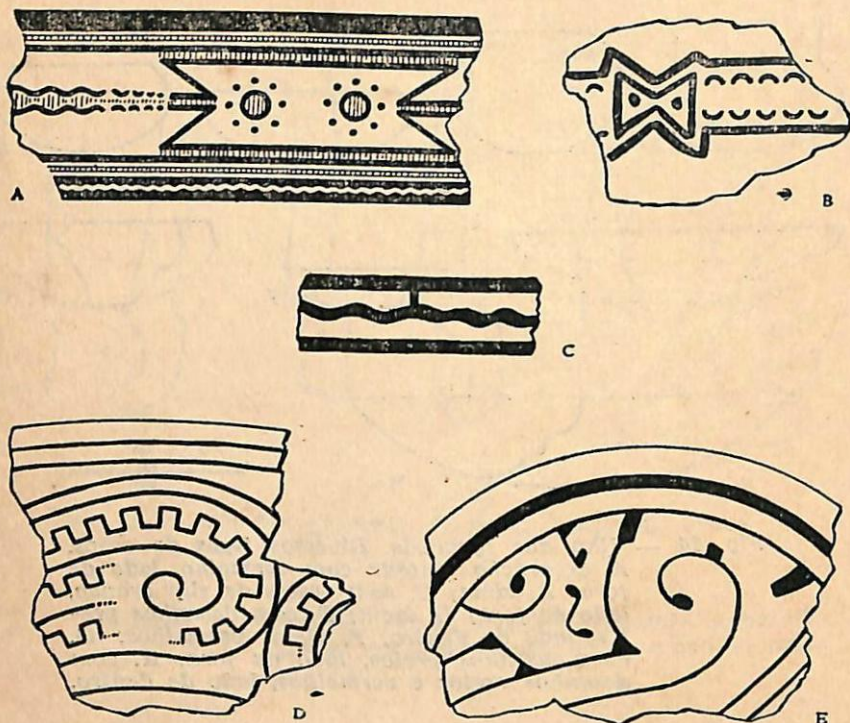


Fig. 15 — Ilha das Igaçabas. Decoração pintada. A, em preto e vermelho, na borda de urna; B, em vermelho, lado de centro de vaso (Fig. 14, H); C, em preto na borda de vaso (Fig. 14, G); D, em preto, lado de dentro de vaso (Fig. 14, E); E, em vermelho, lado de dentro de vaso (Fig. 14, H).

Os desenhos em preto ou vermelho ou ambas as cores, são compostos de linhas horizontais alternando com frisos curvos ou retilíneos. Além de elementos particulares, como vírgulas, pontos, triângulos e losângos, aparecem “rosetas” compostas de um círculo cercado por pontos.

Regiões decoradas: Urnas: Gargalo e sua parte basal.
Potes: Parte superior do vaso.

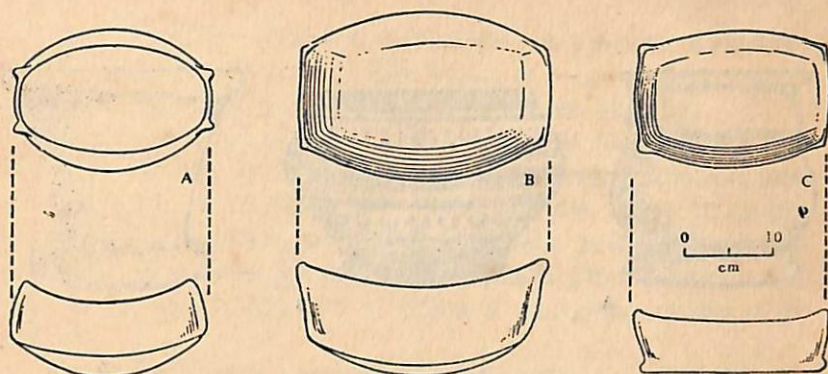


Fig. 16 — Ilha das Igaçabas. Tipos diversos de vasos com base quadrangular.

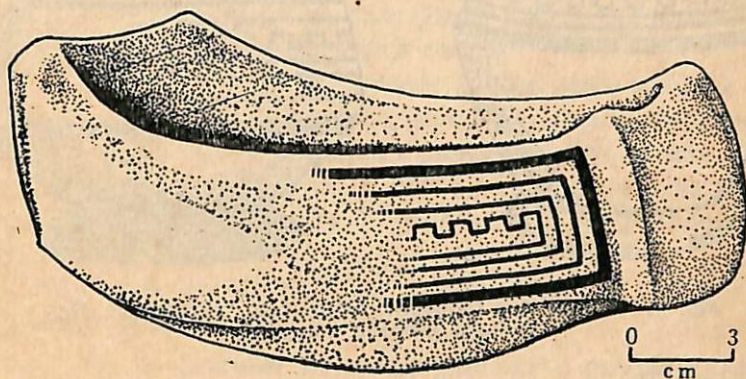


Fig. 16a — Ilha das Igaçabas. Vaso de base quadrangular. Restos de decoração pintada em vermelho.

Alguidares: (sem as tampas em forma de ralo), no lado exterior da beira virada para dentro; todo lado de dentro nos alguidares de beira.

Vasos retangulares: Nas paredes.

Pequenas oferendas: Parte superior ou na parede inteira, estendendo-se as vezes, até à parte oblíqua da base. Com exceção dos alguidares de beira aberta, todos os desenhos se acham no lado exterior.



Fig. 17 — Ilha das Igaçabas. Vasos tipo "oferenda". Decoração pintada em preto.

CONCLUSÃO

Se comparamos os dados arqueológicos dos dois sítios da fase Aristé, podemos constatar uma diferenciação relativamente grande, na maneira do enterramento, na forma das urnas, e no estilo de decoração. Essa distinção é particularmente instrutiva no caso de Vila Velha, devido à estratificação horizontal que aí se oferece. Não é infundada a suposição de se considerar mais antiga a parte inferior do cemitério (Vila Velha I) e mais recente a que fica nas proximidades do rio (Vila Velha II), formando assim uma sequência de tempo no

sentido lateral do material depositado. A ocorrência de objetos de origem européia em Vila Velha II — pérolas de vidro e guizos — liga essa seqüência com a datação absoluta.

O alto gráu técnico da cerâmica de Vila Velha II e a vizinhança com Vila Velha I, no essencial da mesma sub-fase, mas sem material de contacto europeu, situa Vila Velha II no primeiro período menos belicoso da atividade européia, que corresponde ao período que vai do século XVI até a primeira metade do século XVIII, e Vila Velha I um pouco antes desse tempo.

Uma outra escala temporal é dada pelas investigações estratigráficas de Evans, em que esse cientista coloca o enterro secundário, tempêro com areia e decoração por incisões (Uaçá incised) no começo da Fase Aristé, enquanto a cremação, tempêro com cacos moídos e pintura (Serra plain e Serra painted) são sintomáticos do período mais recente.

O uso quase exclusivo de cacos moídos como tempêro em tôda cerâmica de Vila Velha e a predileção pela pintura, colocam essa cerâmica na parte mais recente da Fase Aristé. Três urnas com tempêro de areia, incisões e o uso do enterramento secundário, mostram ainda a proximidade do primeiro período dessa fase.

Com estas coordenadas em mente, podemos verificar as seguintes mudanças:

1. Urnas grandes, de corpo globular e formas simples são substituídas por urnas de tamanho menor e formas mais complexas. A diminuição do tamanho das urnas pode ser considerada como consequência da mudança de enterramento secundário, que requer urnas maiores para colocar os ossos longos, para a cremação;

2. A decoração simples e parcial sôbre o ombro e gargalo, em traços mais finos e prêtos é substituída por decoração mais elaborada em prêto e vermelho, geralmente cobrindo todo o corpo da urna;

3. Em lugar das tampas em forma de ralo, aparece uma tampa mais cuidadosamente feita, lisa ou pintada.

As urnas do Igarapé Grande, pertencentes à variação Serra são igualmente datadas por material de proveniência europeia. No entanto, aí se fazem sentir algumas diferenciações que contrastam êsse sítio com Vila Velha II: oferendas de grande riqueza de formas e o enterramento secundário. Êste último fato é sugerido pêlo grande tamanho das urnas, comparado com o pequeno porte das urnas de cremação de Vila Velha II, assim como pêla existência de grandes alguidares em forma de ralo.

As tampas de urnas que ocorrem em ambos os sítios aparentemente não foram feitas com êsse fim, como mostram as formas variadas e as frequentes desigualdades do diâmetro em relação à boca da urna respectiva. Trata-se mais provavelmente, de vasilhas de uso diário, constituindo assim uma solução improvisada. Isto, sem dúvida, vale pelas tampas em forma de ralo.

A cerâmica do Igarapé Grande, assim, reúne elementos de Vila Velha I e Vila Velha II, um fato que colocaria êste sítio num tempo intermediário entre aqueles dois. Oferendas e a existência de vasos com base retangular lembram a cerâmica de Cunaní, que aliás, lhe fica próximo (cêrca de 25 km.) .

A sequência aqui verificada não sugere a impressão de uma evolução gradual, mas mostra influências diversas cujos impulsos atuaram de maneira diferente, tanto no tempo como no espaço.

Até que ponto as tribos ainda existentes na parte setentrional do Território podem ser conectadas com os fabricantes da cerâmica arqueológica, não se pode afirmar com segurança. Os Emerillon e os Oiampí que só depois chegaram do sul, (primeira metade do século XVIII) e ainda os Galibí que vieram mais tarde do norte, podem ser eliminados de qualquer ligação com os ceramistas arqueológicos.

Igualmente os Aruã, da Fase do mesmo nome, não têm nenhuma afinidade com os ceramistas da Fase Aristé. A sua cerâmica rude sem um estilo definido de decoração, representa o padrão das tribos atuais da floresta tropical. Foram expulsos do Território com a chegada de povos da Fase Aristé-

Mazagão na boca do Amazonas e seu reaparecimento mais tarde, no norte, não influiu na cerâmica arqueológica (18).

Devido à grande extensão e o longo espaço de tempo, somos inclinados a tomar em consideração, antes de tudo, os Palikúr e Maravan. Estas tribos do grupo Aruak, eram grandes e importantes em 1500, atestando-o o fato de sua existência ter dado nomes à províncias geográficas nos antigos mapas da região. Também Nimuendajú (19), liga os Palikúr com os restos arqueológicos da Fase Aristé, quando escreve: "Se nós compararmos as urnas funerárias e as vasilhas contendo miçangas dos velhos Palikúr com os trabalhos cerâmicos de hoje em dia, não se pode deixar de lastimar o declínio da arte oleira e principalmente o embrutecimento da ornamentação"; e mais adiante — "os alguidares rasos em forma de ralo (um produto da olaria Palikúr), nos quais se raspou a mandioca e de que agora somente se encontram fragmentos nos velhos lugares de moradia, substituídos que foram por ralos retangulares com farpas embutidas, tiradas de painéis de ferro".

Independente disso, ainda hoje os Palikúr são considerados os maiores fornecedores de objetos da olaria de toda a região. Os seus produtos, especialmente os potes grandes pintados, para o preparo do caxirí, sempre se encontram nas aldeias dos índios de Uaçá e entre os crioulos Galibí do baixo Oiapoque.

Nimuendajú assistiu a fabricação de um forno de barro para a preparação da farinha de mandioca e dá uma descrição detalhada das diversas fases do trabalho. O barro é misturado com kuepi (caripé) queimado e peneirado. Na falta de kuepi, segundo Nimuendajú, "moem-se cacos como tempero". Este traço merece especial interesse por ser igualmente temperada dessa maneira, a maioria da cerâmica aqui tratada.

18 — Evans, 1955, p. 802.

19 — Nimuendajú, 1926, pp. 41 — 7.

É difícil, aliás, achar dentro das formas da cerâmica Palikúr, elementos que indiquem uma possível relação com a cerâmica arqueológica da mesma região a não ser na ocorrência dos potes grandes para o preparo do caxiri e de certos vasos-canecas com base anular. Isso vale também no que se refere à decoração da cerâmica e de outros objetos de uso dos Palikúr, tais como cuias, banquinhos de madeira, etc. Os padrões simples e negligentemente pintados, se limitam, principalmente, à combinações de triângulos, ângulos e pontos que cobrem a superfície de maneira bastante arbitrária. Ocasionalmente, no entanto, pode-se constatar também uma divisão em zonas. Motivos “triângulos com pontos”, igualmente se acham na cerâmica antiga e moderna (Fig. 18 A até C).

Um motivo de decoração da cerâmica arqueológica de uma ave estilizada, com cauda enrolada e a cabeça virada para traz, merece especial atenção. Observa-se este motivo sobre um fragmento encontrado no monte Ucupí, no rio Urucauá, um sítio cemitério cuja cerâmica já foi posta em ligação por Linné-Nimuendajú, com a descrita por Goeldi, do rio Cunani. O mesmo motivo aparece em duas urnas funerárias de Vila Velha II.

Eurico Fernandes (20) notou esse motivo entre os Palikúr, como distintivo de clã, com o qual se marcavam objetos, armas e urnas funerárias. O distintivo figurado por Fernandes é próprio do clã Uacapú-Ienê, “considerado o principal, o mais antigo e quase, pode-se dizer, o mais aristocrático...” Não pôde esclarecer se esses desenhos representam qualquer animal totêmico. Contudo, é significativo que em relação ao clã Uacapú-Ienê, Nimuendajú (21) diz que se originou de um pequeno pássaro, chamado maliki.

Os diversos elementos e relações aqui expostos não são ainda suficientes para assegurar definitivamente uma conexão entre os Palikúr atuais e os restos arqueológicos encontrados na região. Esse é um problema para o qual procuramos contribuir, porém cuja solução final dependerá de futuras pesquisas.

20 — Fernandes, 1948, pp. 215 — 6.

21 — Nimuendajú, 1926, p. 24.

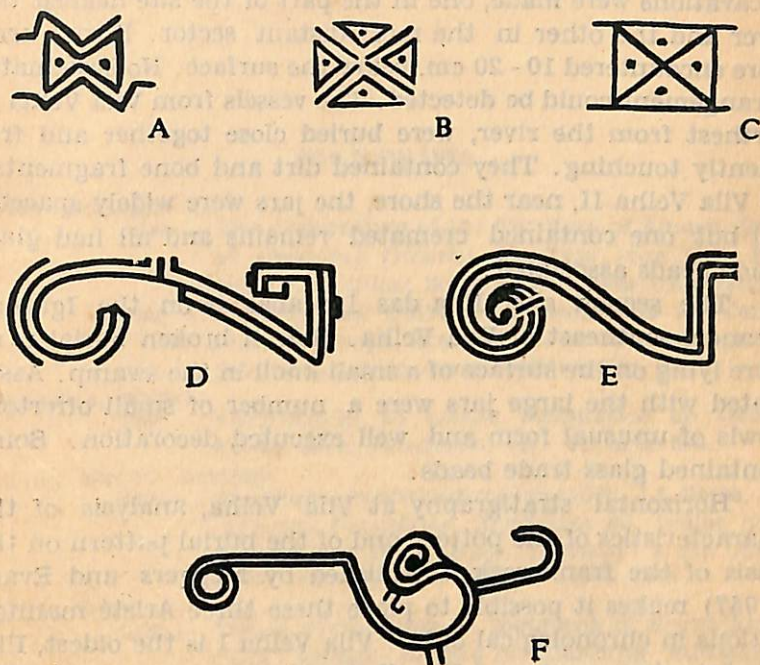


Fig. 18 — Elementos pictoricamente semelhantes entre a cerâmica arqueológica e a dos Palikúr. A, Ilha das Igaçabas; B, Palikúr, num vaso, seg. Nimuendajú; C, Palikúr, desenho num banco, col. SPI, Belém; D, Vila Velha II; E, Palikúr, seg. Fernandes; F, gruta do Ucupi, seg. Linné-Nimuendajú.

ENGLISH SUMMARY

Archeological investigations were undertaken in two cemetery sites of the Aristé Phase, the last culture to occupy the northern part of the Territory of Amapá, Brazil. The first site, Vila Velha, is on the left bank of the Rio Cassiporé, 80 kilometers above the mouth. It covers a large area, the

front part of which is occupied by the modern town. Two excavations were made, one in the part of the site nearest the river and the other in the most distant sector. Burial urns were encountered 10 - 20 cm. below the surface. No systematic arrangement could be detected. The vessels from Vila Velha I, farthest from the river, were buried close together and frequently touching. They contained dirt and bone fragments. At Vila Velha II, near the shore, the jars were widely spaced. All but one contained cremated remains and all had glass trade beads associated.

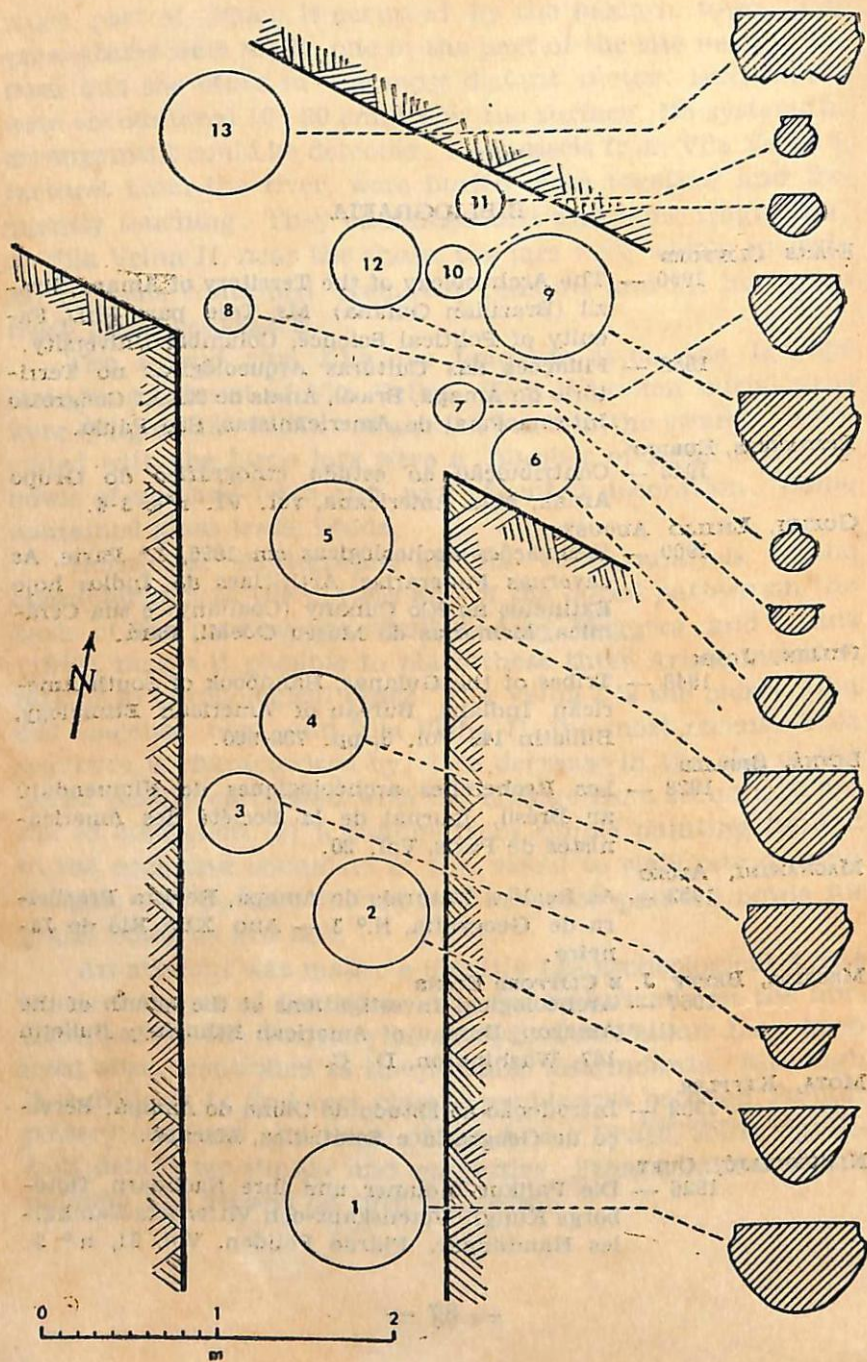
The second site, Ilha das Igaçabas, is on the Igarapé Grande, southeast of Vila Velha. Here 11 broken burial urns were lying on the surface of a small knoll in the swamp. Associated with the large jars were a number of small offertory bowls of unusual form and well executed decoration. Some contained glass trade beads.

Horizontal stratigraphy at Vila Velha, analysis of the characteristics of the pottery and of the burial pattern on the basis of the framework established by Meggers and Evans (1957) makes it possible to place these three Aristé manifestations in chronological order. Vila Velha I is the oldest, Ilha das Igaçabas next, and Vila Velha II the most recent. This sequence is characterized by: 1) a decrease in the size of the burial vessels, correlated with the change from secondary burial to cremation; 2) a change from simple painting limited to the neck and shoulders of the vessel to elaborate over-all designs; and 3) substitution of well made painted bowls for grater bowls as urn lids.

An attempt was made to identify the archeological Aristé Phase with one of the tribes reported historically in the northern part of the Territory of Amapá. The Palikúr have been most often mentioned as the probable descendants. Although it is difficult to find very close resemblances between Palikúr pottery elements and those of the Aristé Phase, some significant details are similar and suggestive. Final solution of this problem will depend on future research.

BIBLIOGRAFIA

- EVANS CLIFFORD**
 1950 — The Archaeology of the Territory of Amapá, Brazil (Brazilian Guiana) Ms, Tese para PhD, Faculty of Political Science, Columbia University.
 1955 — Filiações das Culturas Arqueológicas no Território do Amapá, Brasil, Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas, São Paulo.
- FERNANDES, EURICO**
 1948 — Contribuição ao estudo etnográfico do Grupo Aruak, Acta Americana, vol. VI. n.ºs. 3-4.
- GOELDI, EMILIO AUGUSTO**
 1900 — Excavações archeológicas em 1895, 1.ª Parte, As cavernas Funerárias Artificiaes de Índios hoje Extinctos no Rio Cunany (Coanany) e sua Cerâmica, Memórias do Museu Goeldi, Pará.
- GILLIN, JOHN**
 1948 — Tribes of the Guianas, Handbook of South American Indians, Bureau of American Ethnology, Bulletin 143 Vol. 3, pp. 799-960.
- LINNÉ, SIGVALD**
 1928 — Les Recherches archéologiques de Nimuendajú au Brésil, Journal de la Société des Américanistes de Paris, Vol. 20.
- MAGNANINI, ALCEO**
 1953 — As Regiões Naturais do Amapá, Revista Brasileira de Geografia, N.º 3 — Ano XIV, Rio de Janeiro.
- MEGGERS, BETTY J. E CLIFFORD EVANS**
 1957 — Archeological Investigations at the Mouth of the Amazon, Bureau of American Ethnology Bulletin 167, Washington, D. C.
- MOTA, KEPPLER**
 1952 — Introdução ao Estudo do Clima do Amapá. Serviço de Geografia e Estatística, Macapá.
- NIMUENDAJÚ, CURT**
 1926 — Die Palikur-Indianer und ihre Nachbarn, Goteborgs Kungl. Vetenskaps-och Vitterhets-Samhälles Handlingar. Fjärde Följden. Vol. 31, n.º 2.



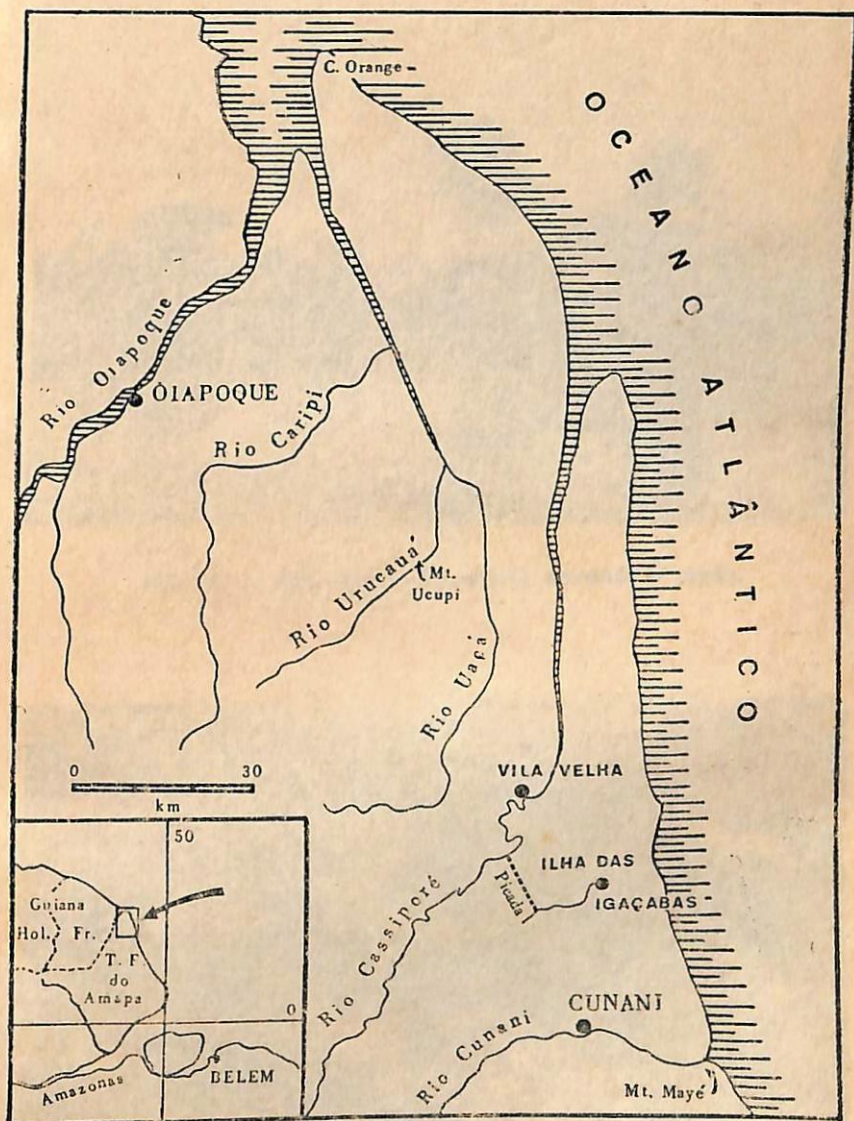


Fig. 19 — Vila Velha I. Mapa da parte escavada. (Esquerda).

Fig. 20 — Mapa da parte setentrional do Território do Amapá



Fig. 21 — Vila Velha, Cassiporé, durante o verão.



Fig. 22 — Vila Velha I. Urnas parcialmente excavadas (urnas 9 - 13, Fig. 19).

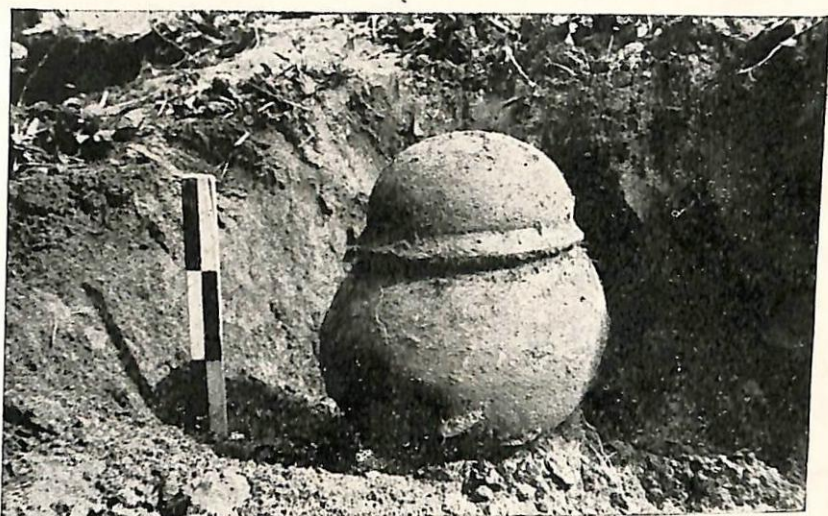


Fig. 23 — Vila Velha I. Urna com a tampa, na posição original (Fig. 19, 8).



Fig. 24 — Ilha das Igaçabas. Fragmentos de urnas e tampas em forma de ralo, depositados sôbre a terra.

Fotos e desenhos de
Peter Paul Hilbert